

Movimento musical de Campinas, no fim do século XIX

(Especial para o suplemento do DIÁRIO DE S. PAULO)

Campinas ainda é, hoje, uma cidade que dá de si a amostra do que já foi. Conta-se que era crença corrente a seguinte: Se não sobreviesse a Campinas a epidemia, de que os nossos anais históricos se ocupam, seria ela, hoje, capital do Estado de S. Paulo. Se há exagero na crença, ou se ela procede, eis o de que não poderei tratar aqui. Apenas, quero dizer da expressão intelectual que a vizinha cidade teve e do muito que se fez pela música ali.

A década 1870-1880 é o grande momento dos fastos campineiros, no que diz respeito à música. E isto se pode tirar a limpo percorrendo as indicações constantes do interessante "Almanaque da Província de São Paulo para 1873" organizado por Antonio José Baptista de Luné e Paulo Delfino da Fonseca.

Em 1873, presidia a Câmara Municipal de Campinas Joaquim Egidio de Sousa Aranha, barão de Três Rios. Homem publico de larga visão, teve ele a fortuna de se ver ladeado por outros valores que souberam fazer da terra campineira uma cidade onde se cultivaram as artes. Consignarei dois deles, apenas para exemplificar: Bento Quirino dos Santos e Manuel Ferraz de Campos Sales. A cidade andava sob a aura do progresso economico. Companhias, indústrias, fazendas de criar e de café eram ali abundantes, e, além disso, a riqueza andava muito perto da cidade.

Natural, pois, que a cidade se fizesse sentir, também, pelo espirito, e, o caminho mais seguro para tanto, foi o da musica.

Manuel José Gomes, com sua banda de musica, e com a sua geração de filhos musicistas estabeleceu um belo campo para o florescimento da musica. Urgia, portanto, continuar.

Efetivamente, a 14 de setembro de 1871, fundou-se a "Fileuterpe", que, em 1873, era presidida por Antonio Benedito de Cerqueira Cesar e já reunia bom repertorio de coros. A iniciativa, parece, inspirou outra, que foi a de Antonio Carlos de Sampaio Peixoto, fundando o "Recreio Familiar".

Outros empreendimentos, porém, viriam firmar o processo de que Campinas lançava mão para se fazer sentir, igualmente, zelosa das coisas do espirito. Assim, desde 30 de setembro de 1870, num sitio distante três quartos de legua da cidade, criara uma orquestra, conhecida pelo nome do local em que se fundou e onde se realizaram os ensaios. Era a "Filarmonica do Mato Dentro", a que estavam ligados os seguintes senhores: Antonio Alvaro de Sousa Camargo, Antonio Carlos Pereira de Queiroz, Antonio Duarte de Andrade, Candido Alvaro de Sousa Camargo, Floriano Alvaro de Sousa Camargo, Francisco Alvaro de Sousa Camargo, Genesco Alves Fernandes Andrade, Joaquim da Rocha Camargo, João Teodoro Nogueira Ferraz, José Inocencio Damy, Antonio Tiburcio Cantinho e Azarias Dias de Melo.

Além do movimento amadorresco acima registado, havia em Campinas, em 1873, duas grandes organizações orquestrais. Eram a "Orquestra Campineira" e a "Corporação da Freguesia da Santa Cruz". A primeira sob a direção do maestro José Pedro de Sant'Ana Gomes. A última dirigida por Antonio Alves Ramos.

Ao que me foi dado apurar, a "Orquestra Campineira" teve sua sede na casa de Santana Gomes, à rua das Campinas Velhas, 40. Disponha então de um corpo de cantores magníficos e eram eles: "Antonio Tiburcio Cantinho, João Baptista Monte-

ro, Joaquina Amália Gomes (professora de canto e piano, na rua do Pórtico, 41), Joaquim José Mariano e Juvêncio August Monteiro. Raro era o instrumentista que não tocava naquele conjunto dois ou três instrumentos. O "Almanaque" regista os seguintes nomes de musicistas: Antonio José Vieira, para instrumentos de sopro fabricados de metal; Azarias Dias de Melo, para officleide; Capitão Benedito Eleodoro de Toledo (contrabaixo); Alferes Emidio Junior (flauta e violino); Firmo Antonio da Silva, (pistão e flauta); Francisco Kiehl (trombone); Francisco Antonio Correia, (clarineta); Francisco Pedro de Oliveira (trompa); João Brás de Oliveira (trombone); João Nepomuceno de Campos (clarineta e violão); João Teodoro Monteiro (violino); Joaquim Francisco Monteiro (violino, violoncelo, piano e instrumentos de metal); Joaquim Rocha Delmont (trombone); José Alcibiades do Amaral (Pistão); José Francisco Monteiro (viola e clarineta); Manuel da Luz Cintra (violino); Manuel Xavier da Silva (clarineta); Paulo Nineto Flecheux (otavino) e Tomás de Aquino Gomes (violino). Na percussão, atuavam: Ernesto Augusto da Silva, Félix Bertoldo Soares de Brito e José Francisco Gonçalves.

Não é preciso que eu me demore para demonstrar o valor de quem organizou em Campinas essa "Orquestra Campineira". Santana Gomes foi quem, em 1859, ao lado de seu irmão Carlos Gomes veio a São Paulo em "tourné", quando o autor do "Gurrani" resolveu ir para a Côte, onde já em 1861 era mencionado como aluno distinto do Conservatorio de Música do Rio, no Relatório do Ministro do Imperio sr. Ildefonso da Silva Ramos. Não era evidentemente um musicista de renome internacional. Poderia vir a sê-lo, se o quisesse, quando Carlos Gomes influido já pelo êxito do "Hino Acadêmico", com letra de Bitencourt Sampaio, se foi para a Côte. Mas, Santana Gomes tinha o seu mérito bem definido e isto se vê da primeira parte da "Pastoral", de Coelho Neto, executada no "Teatro São Carlos", de Campinas, em 1903, bem como das operas "Aida" executada em trechos apenas para os íntimos, e "Semira", incompleta (Cf. Cernicchiaro: "Stória della Música nel Brasile", 349-384; Renato Almeida: "História da Música Brasileira, (2.ª edição), 414-415).

Quanto à "Corporação Musical da Freguesia de Sta Cruz", sabe-se que eram seus instrumentistas: Adolfo José de Azevedo Brandão, Antonio Gregório do Nascimento, Antonio Soares, Benedito Antonio dos Santos, Benedito Silvestre Correia, Flaminio Baptista Soares, Benedito Galvão da Silva, Francellino Antonio Correia, Francisco de Paula Ferraz, Joaquim Antonio Correia, José Francisco de Oliveira, José Rodrigues de Almeida e Sebastião Antonio da Costa.

O que teriam executado tais conjuntos consta dos jornais da época e da tradição oral que corre lá pelas Campinas, já ao tempo em que não se chamava mais cidade de São Carlos, sob a tradição de Feijó e do Padre Jesuino do Monte Carmelo Mas, ao que me parece, basta mencionar o que aqui fica, afim de concluir pela excelência daquele movimento que não encontrava, na época, equivalente em S. Paulo.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE029873